



Comunicado de Imprensa

21 de fevereiro de 2014

Salvar os lémures da extinção

Apresentado plano de ação de emergência

Com mais de 90 por cento de espécies em risco de extinção, os lémures são o grupo de mamíferos mais ameaçado da Terra. Num artigo publicado esta semana na revista científica *Science*, dezanove cientistas e conservacionistas de lémures salientam a importância de implementar um novo plano de emergência, a três anos, que possibilite salvar as 101 espécies de lémures de Madagascar.

Os riscos de extinção dos lémures advêm da perturbação humana aos seus habitats, as florestas de Madagascar. As florestas tropicais e subtropicais têm sido fragmentadas ao longo dos anos, resultando numa significativa redução de área florestal. A agravar este problema, a instabilidade política que se vive em Madagascar tem levado ao aumento da caça ilegal e à diminuição de apoios financeiros atribuídos por doadores internacionais para programas ambientais. Os desafios para a conservação dos lémures são assim imensos.

Apesar dos problemas profundos que colocam os lémures em risco, os autores deste artigo acreditam que ainda há esperança para os lémures. O [plano de ação](http://data.iucn.org/dbtw-wpd/edocs/2013-020.pdf) (<http://data.iucn.org/dbtw-wpd/edocs/2013-020.pdf>) da União Internacional para Conservação da Natureza (IUCN, sigla em inglês), apresentado em 2013 em Madagascar e agora discutido, contém estratégias para 30 diferentes sítios identificados como prioritários para a conservação dos lémures, e tem como objetivo ajudar a angariar fundos para projetos individuais. Outros passos vitais sugeridos neste plano incluem a gestão eficaz das áreas protegidas de Madagascar, a criação de mais reservas geridas diretamente por comunidades locais e a presença, a longo prazo, de equipas de investigação em locais críticos. Trabalhar em projetos de base com as comunidades locais, promover e expandir o ecoturismo – um dos principais atrativos de Madagascar para os estrangeiros – são outros componentes importantes deste plano de ação.

O primatologista Dr. Christoph Schwitzer, chefe de pesquisa da *Bristol Zoo Gardens* e vice-presidente do Grupo de Especialistas em Primatas da IUCN para Madagáscar, é o primeiro autor deste artigo. Segundo Schwitzer, “os lémures têm funções ecológicas e económicas importantes, como a dispersão de sementes e o aumento do ecoturismo, sendo essenciais para manter as florestas únicas de Madagáscar. A sua perda iria provavelmente desencadear uma cascata de extinção.”

Dr. Lounès Chikhi, investigador principal do [grupo de Genética de Populações e da Conservação](http://www.pt.igc.gulbenkian.pt/pages/groups.php/A=89_collection=groups_group=1) (http://www.pt.igc.gulbenkian.pt/pages/groups.php/A=89_collection=groups_group=1) do Instituto Gulbenkian de Ciência e investigador do CNRS (<http://www.edb.ups-tlse.fr/Chikhi-Lounes.html>) (em Toulouse, França) há muito estuda as populações de lémures de Madagáscar. Coautor deste artigo, Chikhi acrescenta: “Madagáscar é um sítio único no mundo, onde estamos ainda a descobrir novas espécies de lémures. É uma tragédia perder espécies logo após a sua descoberta. A conservação dos lémures e da biodiversidade de Madagáscar não pode ser feita sem o envolvimento dos malgaxes, que dão muita importância ao seu património natural.”

Outro coautor deste artigo e do plano de ação da IUCN é o Dr. Russell Mittermeier, presidente da *Conservation International* (CI) e presidente do Grupo de Especialistas em Primatas da IUCN. Acerca de um encontro que teve com o recém-eleito Presidente da República de Madagáscar, o Presidente Rajaonarimampianina, Mittermeier afirmou terem discutido “a conservação de lémures, ecoturismo, comércio de pau-rosa, e a importância da biodiversidade de Madagáscar”. Disse ainda que “o Presidente estava bem informado sobre todos estes assuntos” e conseqüentemente, ele estava “pela primeira vez desde 2009, otimista sobre o futuro de Madagáscar.”

Das 101 espécies de lémures existentes, 22 estão agora classificadas na Lista Vermelha da IUCN como “em perigo crítico”, 48 estão “em perigo” e 20 estão “vulneráveis”, o que equivale a 94 por cento das espécies de lémures do mundo para as quais havia dados disponíveis que permitiram a sua avaliação de acordo com os critérios da lista vermelha.

Este artigo da *Science* foi publicado na secção de *Policy Forum* e resulta de uma colaboração internacional que contou com cientistas e conservacionistas de

várias instituições: Bristol Zoological Society (UK), Conservation International (EUA), University of Calgary (Canadá), Oxford Brookes University (UK), Northern Illinois University (EUA), Golder Associates (Canadá), Durrell Wildlife Conservation Trust – Antananarivo (Madagáscar), Groupe d’Etude et de Recherche sur les Primates de Madagascar (Madagáscar), Omaha’s Henry Doorly Zoo (EUA), Instituto Gulbenkian de Ciência (Portugal), Evolution & Diversité Biologique Laboratory - CNRS, Toulouse (France), Western University (Canadá), American Museum of Natural History (EUA), Association Mitsinjo (Madagáscar), University of Veterinary Medicine Vienna (Áustria), Stony Brook University (EUA) e Université de Mahajanga (Madagáscar).



Legenda: Sifaka de Coquerel (*Propithecus coquereli*) é uma das espécies de lémures que foi classificada pelo IUCN como espécie ameaçada. Créditos: Lounès Chikhi, IGC.

Notas para o editor:

O plano de ação de 3 anos da IUCN para os lémures, “[Lemurs of Madagascar – A Strategy for Their Conservation 2013-2016](#)”, teve um total de 83 autores e contém 30 estratégias de conservação para locais prioritários para os lémures.

Os 30 projetos têm como objectivo um financiamento individual que varia entre os \$50,000 e os \$500,000, equivalendo a um orçamento total de \$7.628 milhões ao longo dos três anos.

Mais informação:

Ana Mena

Equipa de Comunicação de Ciência

Instituto Gulbenkian de Ciência

Tel. 21 440 79 59

anamena@igc.gulbenkian.pt

Grupo de Genética de Populações e
da Conservação

Instituto Gulbenkian de Ciência

Tel. 21 446 46 71

chikhi@igc.gulbenkian.pt

Lounès Chikhi